

## ENTREVISTA COM ÉLIO NEVES

Entrevista concedida a Mariana Tonussi Milano<sup>1</sup> e Gêssica Trevizan Pera<sup>2</sup>.  
Araraquara, 27 ago. 2008.

Élio Neves é Presidente da Federação dos Empregados Rurais Assalariados no Estado de São Paulo – FERAESP – e do Sindicato dos Assalariados Rurais de Araraquara. Filho de trabalhadores rurais ligados ao movimento sindical, viveu sua juventude como trabalhador assalariado. Ingressou como Presidente no sindicato de Araraquara em 1983. Considerado hoje um dos principais líderes rurais do país, vem participando de diversos fóruns de discussão em defesa dos trabalhadores rurais. Esta entrevista faz parte dos projetos de pesquisa “Qualificação Profissional e Políticas de Emprego na Década de 90: experiências, representações e ação sindical. Um estudo de caso na Região de Ribeirão Preto-SP” e do projeto “Requalificação Profissional e Novas Formas de Organização da Produção no Setor Agroindustrial de Ribeirão Preto: uma análise do programa Cana-Limpa”

### TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E SINDICAL

**Pesquisador:** Fale-nos um pouco sobre sua trajetória profissional e sindical.

**Élio Neves:** Meu pai era trabalhador rural e também foi sindicalista, foi militante político durante toda a vida dele. Na década de 50, antes de eu nascer, meu pai foi preso político, porque já naquela época já organizava associações de trabalhadores no campo. Enfim, participava de várias lutas. Depois, eu nasci em 58. Em 64 meu pai foi novamente perseguido pelo regime militar. Eu vivi nesse ambiente, nasci e cresci nesse ambiente de uma família de trabalhadores rurais e de um pai militante político. Eu comecei a trabalhar na roça muito cedo, dada as dificuldades da família. Ainda criança trabalhava na roça. Aos 13 anos tive meu primeiro registro em carteira como cortador de cana. Tirei minha carteira de trabalho com 13 anos de idade. Cortava cana, fui registrado com 13 anos. E fundamentalmente eu trabalhei como empregado do corte de cana. Tive outras atividades no campo, trabalhei com horta, em sítios, mas eu praticamente trabalhei como cortador de cana. Sou empregado de uma fazenda que era fornecedora de cana, no município de Rincão, aqui perto de Araraquara e, ainda hoje, ainda sou empregado da fazenda de lá. Quando eu fui eleito o presidente do sindicato em 83, eu fui afastado do trabalho para exercer o mandato do sindicato e de lá pra cá não parei mais.

**P:** A quanto tempo que você exerce essa função?

**EN:** Eu estou no sindicato já há quase 30 anos, 25 anos no sindicato. Tive períodos de afastamento, saí pra cá, sai pra lá. Substituições na diretoria, mudanças. Mas, na verdade, meu vínculo com o sindicato é o vínculo de uma vida. Porque meu pai é fundador do sindicato na

---

1 Doutoranda em Sociologia. UNESP – Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil . 14800-901 – marianamilano@gmail.com

2 Mestranda em Sociologia. UNESP – Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – getpera@yahoo.com.br

década de 60. Meu pai, depois que ele voltou do período de perseguição, em 64 – esse sindicato foi fundado em 1963 – ele reassumiu o sindicato na década de 70. Ficou no sindicato por 8 anos, depois sofreu um derrame e se afastou. E, mais tarde, eu vim a me interessar pela luta sindical e acabei seguindo o mesmo caminho.

**P:** O sindicato foi fundado em 1963 e a FERAESP?

**EN:** A FERAESP foi fundada em 89. A FERAESP é uma organização mais nova. Foi fundada no ambiente já da liberdade, após a Constituição de 88.

**P:** E como ela surgiu?

**EN:** Surgiu porque na década de 80 nós fizemos um monte de lutas no interior de São Paulo e em toda essa região pra melhoria nas condições de trabalho na parte da cana, da colheita da laranja, enfim, dos assalariados rurais da década de 80. Basicamente, a partir dessa região, da grande região de Ribeirão Preto, Araraquara, Guariba, Bebedouro... Eu vivi esses movimentos todos e foi nesse ambiente de enfrentamento das péssimas condições de trabalho... nós sofremos a partir de 85, 86 um processo de desemprego, fruto da intensa mecanização, que iniciava a utilização da tal carpa química, de herbicidas de técnicas mais novas do ponto de vista da organização do trabalho e isso foi gerando uma exclusão social, não é? Daí os cortadores de cana, principalmente que lutavam muito até 87 e de 87 pra frente, tiveram um processo de perdas nas suas conquistas. Veio a Constituição em 88 e os sindicatos mais ligados a essa categoria, a categoria dos assalariados rurais, resolveram criar uma organização específica. Porque no Brasil até então os sindicatos no campo são compostos por produtores de pequeno porte e são chamados hoje de agricultores familiares. Naquela época eram os pequenos produtores. Então, tem essa categoria de natureza econômica e a categoria dos empregados rurais, que sobrevivem da venda da força de trabalho. O que a FERAESP fez foi separar. Ela é fruto de um desmembramento. Os assalariados rurais resolveram criar uma organização mais específica. Foi no início de 89 que o sindicato de trabalhadores rurais, que compunham as duas categorias, aqui na região de Araraquara, Pitangueiras, Barrinha... vários sindicatos, fizeram discussões internas, resolveram representar exclusivamente os empregados, os assalariados rurais e sentiram a necessidade de criar uma federação que coordenasse essa organização. Então, a FERAESP foi criada em abril de 1989 em um congresso de fundação em Jaboticabal. Sobreviveu a duras penas porque ela foi questionada na sua legalidade. Enfim, demorou para que o poder judiciário reconhecesse. Foram aí, praticamente, 16, 17 anos de luta na justiça. O setor patronal perseguia, o governo não reconhecia. Então, nós fizemos assim: a FERAESP ela está com vida livre agora, tem uns 5 ou 6 anos apenas de vida livre. Ela tem esse tempo de duração – é importante lembrar que a FERAESP é a organização dos assalariados rurais. Já era uma força antes do golpe militar em 64, depois isso foi sufocado pelos militares e, em 89, esse movimento, eu diria que retomou o processo histórico que tinha sido paralisado, e, hoje, estamos aí. A FERAESP tem procurado se firmar. Ainda é muito questionada, mas essa vida livre não significa liberdade total. Ela é muito questionada, sobretudo pelo setor patronal e pelo sindicalismo tradicional. Pelo sindicalismo que foi constituído dentro do regime militar. O regime militar reafirmou uma espécie de cultura sindical no setor rural no campo brasileiro, aí a coisa é mais complicada, porque essa herança do regime militar ela é muito forte.

**P:** Qual o número de filiados nesta instituição?

**EN:** A FERAESP conta com mais de 70 sindicatos no Estado de São Paulo. Mas ela entra em outros sindicatos como Minas, Bahia, Goiás..., tem trabalho em Santa Catarina, Paraná,

enfim, ela está num processo de expansão tanto dentro do Estado como pra fora do Estado.

**P:** E o sindicato aqui, quantos filiados?

**EN:** O sindicato de Araraquara conta hoje com dois mil, dois mil e pouco filiados. Varia, mas ele tem atuado nessa faixa.

**P:** Quanto destes são trabalhadores assalariados?

**EN:** A FERAESP é exclusiva de assalariados. A FERAESP e os sindicatos envolvidos são exclusivamente de assalariados. O que a FERAESP faz é que desde o seu nascimento ela definiu em suas estratégias de organização que os assalariados têm uma forte ligação com a terra. Então, a bandeira da reforma agrária, a luta pela reforma agrária faz parte do rol de atividades da FERAESP. Então, a FERAESP trabalha em duas frentes fundamentais: uma pra melhoria das condições de trabalho, dentro da relação de emprego, e outra na luta da reforma agrária como uma alternativa de desenvolvimento para os trabalhadores. Mas a organização sindical, digamos assim, após a conquista da terra, não é mais da FERAESP. Aí são organizados por sindicatos de agricultores familiares, embora essas organizações busquem atuar nas lutas políticas, etc, mas é uma outra luta específica. O que a FERAESP defende é que os assalariados rurais devem ter uma organização específica, os agricultores familiares legítimos, porque você tem no Brasil um monte de gente chamada de agricultores familiares mas, na verdade, é agricultor patronal. Nós acreditamos que a categoria de agricultores familiar, do ponto de vista de classe, ainda está por ser formada. Nós não temos essa categoria, efetivamente. O que nós temos são pessoas, famílias que têm acesso à terra de uma maneira ou de outra, mas que no acesso à terra desenvolvem o modelo patronal de agricultura. Esses não integram a estratégia da FERAESP, porque o que a FERAESP pretende, sonha, é que o modelo de relação com a terra, com a natureza, com a produção, não seja necessariamente patronal, mas que possa haver um modelo de cooperação, de organização dos trabalhadores, enfim, um projeto político.

**P:** Um projeto político de classe?

**EN:** Depende disso: a sua orientação estratégica. E é nisso que ela trabalha.

**P:** Há a participação feminina na direção desta instituição?

**EN:** Sim. No sindicato ainda é uma dificuldade mas, nas organizações extra-sindicais você tem uma participação maior da mulher na organização salarial.

**P:** O que seriam essas organizações extra-sindicais?

**EN:** É porque na estrutura de organização que a FERAESP defende, ela não defende o sindicato como único meio de organização. Nós trabalhamos organizações como associações, associações de cunho popular, trabalhamos a organização de cooperativas. Nessas organizações a participação da mulher é maior. As mulheres foram e ainda são vítimas de muita exclusão. O primeiro efeito da exclusão no mercado de trabalho atinge idosos, atinge mulheres e no campo isso é muito forte. A categoria dos empregados perdeu muito a participação da mulher nas últimas décadas. E como a estratégia da FERAESP é de trabalhar as duas frentes – a frente dos que estão incluídos, aqueles que tem registro em carteira, com os excluídos – pra FERAESP, embora ela tenha no nome “empregados”, ela tem uma forte raiz nos desempregados. Então, ela consegue com esse modelo de organização ser diferente do sindicalismo tradicional e agrupar os interesses dos desempregados. Eu diria, assim,

embora ela sofra consequências com a crise econômica, com o desemprego, mas ela está mais lapidada nessas condições. Os processos de organização do que nós chamamos de extra-sindical é um pouco a solução dos trabalhadores e das trabalhadoras para os trabalhadores e trabalhadoras. Você tem dois caminhos: o caminho que há uma dependência da relação de emprego, uma dependência direta do mercado de trabalho, e há uma possibilidade que na sociedade, uma vez excluídos do mercado de trabalho, os trabalhadores possam encontrar espaços, outras formas de geração de trabalho, renda, de construção da cidadania. Então, a FERAESP trabalha dos dois lados.

**P:** É filiada a alguma central sindical?

**EN:** Sim, na CUT.

**P:** Por que a aproximação com esta central?

**EN:** Primeiro porque em 89, quando a FERAESP foi fundada, ela não nasceu na CUT, mas tinha uma força muito grande de sindicalistas da época cutista. Tinha outras tendências políticas que também compunham a fundação da FERAESP. Nos anos de 90, num novo congresso, se fez a opção pela CUT e até hoje a FERAESP mantém, porque a FERAESP entende que de todas as centrais existentes a CUT é que congrega os princípios e o programa mais próximo que a FERAESP entende como um sindicalismo mais eficiente. Então, nós respeitamos, obviamente, as outras centrais. A FERAESP é pluralista. Não pretende ser exclusiva. Aceita as divergências com naturalidade, mas, mesmo no interior da CUT, a FERAESP tem dificuldades, tem problemas, porque uma central sindical significa a união de várias linhas de pensamento. A FERAESP procura se balizar pelos princípios cutistas que vêm já do processo inicial de fundação da central no final de 79. E a FERAESP caminha com isso. Com um sindicalismo que seja classista, que seja participativo, que seja democrático, enfim, claro que no interior da CUT de lá pra cá, a CUT passou e vem passando por mudanças. Em alguns casos até setores da CUT se afastando dos princípios da central, mas a FERAESP ainda hoje entende que a CUT é a central onde há maior espaço de organização da classe trabalhadora no Brasil.

**P:** Mas, a participação da CUT nas lutas do campo é grande?

**EN:** Olha, é uma coisa interessante, porque, assim, na verdade, eu diria que não é a CUT que participa do campo. Eu diria que é o campo que participa da CUT. É um movimento inverso. Vamos imaginar, por exemplo, a maioria dos sindicatos do campo, cutistas, em São Paulo, são ligados a FERAESP. Então, a FERAESP deu um crescimento para a CUT significativo no campo. Houve, num primeiro momento, onde as categorias urbanas no interior da CUT se voltaram pra tentar organizar o campo, mas a realidade hoje é diferente. Hoje você tem, principalmente com a atuação da FERAESP, passou a ganhar força, principalmente com a luta dos trabalhadores do campo, que têm conseguido ser mais sujeito no processo de luta.

**P:** A CUT tem uma forte ligação com os movimento urbanos e a participação dela no campo começou mais a partir de quando?

**EN:** Olha, na verdade, é o seguinte: a CUT nasce no meio urbano, sobretudo nos chamados operariados urbanos. Depois ela ganhou força no serviço público, na área de serviços em geral. Tinha alguma coisa no campo, não era grande, mais tinha. A CUT chegou a trabalhar com o Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais. Tinha, em cada Estado, departamentos de trabalhadores rurais. Houve a criação da FERAESP. Em 89 a FERAESP foi pra CUT. Houve também, no interior da CUT, a organização da Federação dos Agricultores da

Agricultura Familiar, uma federação nacional, conhecida como FETRAF. Houve várias organizações pelo país, em outros estados. Em São Paulo tem a Federação da Agricultura Familiar, que é ligada à CUT. Possui os sindicatos dos trabalhadores rurais em agricultura familiar no estado. Mas a CUT ganhou força no campo com a filiação da CONTAG, a maior organização sindical no Brasil dos trabalhadores do campo e a confederação resolveu se filiar na CUT. Isso nunca foi muito tranquilo, porque a CONTAG por ser uma confederação, ela também funciona como uma espécie de central. Ela também tem várias linhas, tendências, enfim, na verdade a CONTAG se filiou a CUT, mas ela não conseguiu entrar “de corpo e alma”. Tem um setor da CONTAG que ainda participa de várias centrais e, a cada discussão na CONTAG, ela é obrigada a avaliar sua situação, se ela fica na CUT, se não fica na CUT. Então, a entrada dos trabalhadores do campo na CUT, seja por meio da FETRAF, da FERAESP, por meio da CONTAG, gerou um movimento para dentro da central, que acabou por criar uma condição de equilíbrio e maior participação dos trabalhadores na central. Os trabalhadores do campo ainda têm uma participação minoritária na central, mas ganhou muita força nos últimos anos.

### QUESTÕES REFERENTES À QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

**P:** Esta instituição desenvolve ou já desenvolveu programas de qualificação profissional?

**EN:** Sim. Olha, tanto o sindicato, quanto a FERAESP, ele trabalha com uma forte carga de formação. Temos um conceito de formação profissional. Nós desenvolvemos – claro que não é uma propriedade nossa – mas a FERAESP desenvolve uma metodologia própria de educação, claro que fundamentada em pensadores da área educacional. Fez e continua fazendo.

**P:** Mas o que seria esse conceito de formação profissional?

**EN:** A primeira coisa que tem como fundamento é que, até agora, o que se entende por formação profissional como um todo, na concepção que nós assumimos, ela tem que ter um forte cunho libertador, tá? Então, nós entendemos que educação é a base da sociedade. Eu diria assim: nós não estimulamos a formação profissional para a formação de empregados. Nós entendemos que não é tarefa do movimento sindical e da FERAESP formar profissionais para trabalhar para o patrão. Se o patrão tem necessidade de mão-de-obra, isso é um problema que ele tem que resolver. Claro que você pode ter, como toda regra tem sua exceção, você pode ter uma ou outra situação, mas a FERAESP não participou do universo da formação profissional em larga escala pra geração de emprego. Nós tínhamos até uma crítica que dizia o seguinte: olha, nós conhecemos gente, e é verdade, não é uma crítica vazia, que tinha meia dúzia de diplomas de profissionalização nos cursos de qualificação do FAT, na época, principalmente do governo FHC, onde o sindicalismo brasileiro pegou dinheiro a vontade, todas as centrais pegaram dinheiro. O centro de qualificação profissional tinha 4 a 5 cursos, mas não tinha emprego. Há uma mentira nisso tudo. Claro que a qualificação profissional ela é importante, mas de fato, se não tiver democracia econômica, se você não tiver geração de trabalho, geração de renda, abertura de novas oportunidades, se você não popularizar a economia, você vai formar profissionais para ir, talvez, pra Espanha, Portugal, quer dizer, quando forma vai pra fora, vai pra outro país. O mercado não absorve. O sistema patronal tem um sistema muito forte que, pendurado no Estado, esse Estado garante o Sistema S. Se todo o Sistema S não deu conta da qualificação profissional, para a qualificação de empregados, então o problema não está no trabalhador, porque o Sistema S é todo gestado, historicamente, pelo setor patronal. Então, eles têm dinheiro público, porque toda receita do Sistema S é

bancada pela sociedade. Então, eles usam dinheiro público, administram dinheiro público, pra fazer qualificação profissional, pra eles contratarem e depois falta. Dizem a todo momento que falta profissional no Brasil, então tem algum problema. Então, isso não é tarefa nossa. Nós somos um sindicalismo que acredita na liberdade, na livre escolha. Nós entendemos que as ferramentas que o sindicalismo dispõe, por menor que elas sejam, devem estar prioritariamente dirigidas aos interesses dos trabalhadores, e não usar o trabalhador como correia de transmissão pra favorecer o interesse patronal. O interesse patronal, ele resolve. Já tem toda uma estrutura de Estado e de poder que protege os interesses deles e, na verdade, é os trabalhadores que são excluídos. E os trabalhadores são usados para carregar energia pra esses sistema patronal de poder. Então, assim, nós temos o nosso caminho da qualificação profissional procurando trabalhar em duas coisas: primeiro, a qualificação profissional do indivíduo e da produtividade dos trabalhadores com vista a um projeto da coletividade de trabalhadores pra sua libertação. Que exemplo temos disso? Hoje, por exemplo, nesse momento, a FERAESP trabalha vários cursos de qualificação profissional. Então, tem atividade na área do artesanato, tem atividade na área de corte e costura, tem atividade de qualificação profissional para a indústria. Vamos pegar um exemplo: quando falamos de artesanato, o que pega mais aí são pessoas que estão excluídas do mercado de trabalho, seja porque sofreram um acidente, seja porque está acometido de alguma doença ocupacional, mulheres, enfim, em que essa metodologia é dirigida para essas pessoas que procuram trabalhar tanto a formação de sua condição profissional, tanto quanto a formação de cidadania pra que essas pessoas excluídas possam se organizar e de alguma forma serem úteis no meio social que vivem, não é? Então, a FERAESP tem uma linha de atuação nessa direção, quer dizer, ela entende que há um espaço enorme nesse país e, a partir do campo, um espaço muito grande para que iniciativas, que nós chamamos de iniciativas populares, iniciativas do próprio povo fazendo uma ligação direta com o interesse do povo, naquilo que é produção e consumo. Por isso que a iniciativa da FERAESP é “da terra ao prato”. A simbologia “da terra ao prato” procura fazer assim: da terra ao prato porque a principal fonte da nossa energia, nós trabalhamos a terra somente na perspectiva da produção de alimentos. O trabalhador do campo tem, na sua raiz, a produção de alimentos. Se na produção ele conseguir se ligar diretamente com o trabalhador no consumo, eliminando as diferentes intermediações, nós entendemos que você pode criar uma melhor qualidade de vida nos dois extremos, vamos assim dizer. Mas “da terra ao prato” não significa apenas alimentos. Por exemplo, nós temos grupos fazendo corte e costura nessa linha, vai fabricar roupa, camisa, etc. Isso significa que prioritariamente você consegue colocar, não prioritariamente no mercado, ou numa loja de grife, etc, etc, mas, é pra satisfazer a necessidade de consumo dos trabalhadores que dependem disso. Se nós temos capacidade de trabalho, portanto, nós somos produtores de riquezas. Então nós podemos ter uma organização suficiente que leve a nossa capacidade produtiva a nos satisfazer em nossas necessidades de consumo. É claro que isso é um sonho, mas é esse projeto de qualificação profissional que nós atuamos. Buscamos captar recursos na sociedade, etc...

**P:** Quais são as formas de financiamento? Quem financia? Os cursos são pagos pelos alunos ou são gratuitos para sócios? E as verbas do FAT?

**EN:** Olha, nós buscamos vários tipos de financiamentos.

**P:** E do governo?

**EN:** Também, também. É sempre direcionado a isso. A FERAESP agora está uma coisa interessante. Nós estamos inaugurando, no final de novembro, um centro de formação em

Castilho, na região de Andradina. É um centro de formação profissional, mas esse centro de formação ele se situa numa área que era uma fazenda que foi objeto de luta de reforma agrária pelos trabalhadores ligados a FERAESP e a casa grande da fazenda virou centro de formação. A mansão do fazendeiro está virando centro de formação e ali, por exemplo, tem o projeto das seringueiras, que são grupos de trabalhadores que têm maiores dificuldades. Assim, nessa fazenda tinha uma área de seringueira produzindo. Que que a FERAESP fez então? Ela organizou ali um núcleo, que ao invés de eliminar aquelas seringueiras, estamos trabalhando com ela. Então, é um núcleo de cooperativas que está movimentando aquela área, deu continuidade, não teve uma relação de destruição daquela coisa que o fazendeiro tinha implantado. Então, conseguiu organizar um núcleo de trabalhadores atuando nisso e agora está organizando o centro de formação. Ali, por exemplo, a parceria da FERAESP e das nossas organizações é com o INCRA. A gente tem demandado do INCRA recursos na área da formação. Com o objetivo do que? De dar aos espaços de reforma agrária conquistados a partir da FERAESP, uma oportunidade de desenvolvimento, de alavancar sistemas produtivos solidários, especialmente solidários com os trabalhadores urbanos, que não tiveram acesso à terra. Então, nós temos algumas experiências de cursos aqui, em Araraquara. Por exemplo, no assentamento Bela Vista nós estamos organizando uma indústria de produção de farinha de mandioca e é interessante porque, só pra entender, nessa indústria de farinha de mandioca, o investimento forte é em educação e em qualificação profissional. A FERAESP fez um convênio com o Instituto Paula Souza, que é da área de estudo do governo de estado (...). Nós acabamos tendo uma feliz negociação com o Centro Paula Souza, por São Simão. Então, a escola de São Simão está vindo aqui, no Bela Vista, fazer o curso da produção de farinha de mandioca e esse curso profissionalizante, que se dá dentro do assentamento, tem por objetivo formar os trabalhadores e trabalhadoras que participam do projeto da farinheira, que vai desde a produção da mandioca até a farinha. E aí você tem que ter um conjunto de disciplinas na área da agricultura, da indústria, do mercado, enfim, que possa preparar as pessoas a executar essa atividade. E o que é importante é que essa atividade não é uma atividade empresarial. Claro, ela precisa ser eficiente, mas ela tem o caráter da solidariedade. É uma atividade em regime de cooperativa. É uma qualificação do trabalhador, para o trabalhador, não para o capital. Qual é o problema? Vamos imaginar, nós formamos tratoristas para trabalhar para as usinas. Nós vamos formar uma enorme quantidade de tratoristas pra trabalhar pra usina, que vão desempregar outros tratoristas dentro das usinas. Você reproduz o desemprego. Então, vamos pegar assim, por exemplo, o problema de ter mão-de-obra qualificada no mercado de trabalho é problema do patrão. Ele que tem que comprar. E na minha opinião quanto menos tiver, mais caro fica, você está entendendo? Então, não é tarefa minha. Se eu tenho menos mão-de-obra, logo, eu tenho uma mão-de-obra mais valorizada, certo? É isso que eu quero. Na verdade, eu quero tirar mão-de-obra do mercado, quer dizer, a lógica é assim. Eu tenho trabalhado nisso como presidente. A gente tem feito grandes discussões que, na verdade, o sindicalismo cumpre um papel equivocado. Porque o sindicalismo deveria estar fazendo, usando sua energia pra qualificar e requalificar trabalhadores para a cidadania, não para ser subordinado. Porque a cidadania pressupõe o reconhecimento, o “assumir os deveres”, direitos e obrigações junto à sociedade. Quer dizer, qual é a nossa função na sociedade? Qual o papel que a gente cumpre enquanto coletivo, enquanto categoria, enquanto grupo social, enquanto indivíduo? Se eu já tenho, veja bem, toda uma sociedade estruturada com base no capital, financiamento, política pública, porque que logo eu trabalhador vou injetar energia nisso também? Olha, eles já têm o espaço deles. Na verdade, a gente precisa criar alternativas. Ah tá! Porque em momentos de crise – até porque os trabalhadores sempre estão em crise – se a economia cresce: automatiza. Quem mais desempregou no Brasil nos últimos anos foram os

bancos e quem mais teve lucro no país nos últimos anos foram os bancos. Você pega, o que que a categoria dos bancários perdeu de postos de trabalho nos últimos 20 anos. É fantástico! No entanto, essa categoria foi beneficiada enormemente por cursos de qualificação profissional e é engraçado porque cada operador de computador que eles formavam, geravam 10 desempregados. Cada operador de mecânica, da área da robótica na indústria automobilística, gerava 20, 30 desempregados. Então, é mentira dizer, é ilusão dizer que a qualificação profissional gera emprego. [...] Então, veja bem, é esse tipo de qualificação que anda na contramão dos interesses dos trabalhadores. Então, na nossa concepção, o movimento sindical ao fazer esse tipo de qualificação cumpre um desserviço porque, na verdade, não é que ele tem que ser contra a máquina, não é disso que eu estou falando. Não que ele é contra a evolução tecnológica, não é disso que eu estou falando, não é? Mas que tipo de contrapartida, que tipo de socialização dos benefícios as novas tecnologias estão trazendo para a classe trabalhadora? Então, o movimento sindical teria que atuar numa direção em que ele absorvesse os excluídos, ou a perspectiva dos excluídos. Porque tem gente que já nasce excluído: filho de trabalhador já nasce fora da escola, sem acesso à saúde, sem direito à faculdade. Filho de trabalhador já nasce na perspectiva da exclusão. Quando eu digo trabalhar, os excluídos, eu digo trabalhar com criança, com jovens, idosos, mulheres, desempregados numa perspectiva de que eles tenham espaço na sociedade. [...] Então o sindicalismo precisa atuar na contramão desses processos. Isso não tem nada de ideológico do ponto de vista de falar “é comunismo”, “é socialismo”. É capitalismo mesmo, mas o capitalismo precisa ser eficiente, precisa distribuir. Porque se eu defendo a propriedade privada como um direito sagrado no regime capitalista, então eu quero que todo mundo tenha acesso a esse direito. Por isso que eu defendo a reforma agrária como um direito de todos a terem acesso à propriedade. Porque, caso contrário, eu não defendo um direito, eu defendo um privilégio, não é? [...] Então, o esforço da FERAESP é para que no processo de qualificação profissional, assim como, a elevação da escolaridade, alfabetização de jovens e adultos, todos os processos educacionais dentro da federação, procure ter como cunho o processo libertador, da construção da cidadania, em que o conhecimento não se perde. Esse ano nós estamos criando em um curso, que estamos buscando entre nós, os professores. Em teoria é: “somos nós os professores em que o saber que nós temos e que ele vai se perdendo, ele vai sendo chupado em benefício do capital, em benefício da exploração, nós podemos repassar esse saber”. Então, vou dar um exemplo pra vocês: estamos aplicando já, há 5 ou 6 meses, um curso de apicultura. Quem é o professor? Seu Álvaro. Um velhinho, tem 80 anos de idade, mestre em apicultura, trabalhador. Ele produz geléia real, manipula as rainhas. Pronto! Ele é nosso professor, ele ensina, ele se dispôs. Então, nós fazemos a ligação dele com os trabalhadores e trabalhadoras, que buscam esse aprendizado na questão das abelhas.

**P:** Vocês estão criando uma rede de conhecimento entre os trabalhadores onde o conhecimento circula entre os trabalhadores?

**EN:** Esse é o objetivo. Do trabalhador para o trabalhador. Por isso que “da terra ao prato” não é só uma questão de mercadorias. Vou te dar outro exemplo, o Zé Luiz, um companheiro nosso em Tupi Paulista. Ele tava meio desgarrado, meio abandonado. Um militante sindical, organizou uma luta pela reforma agrária, mudou para um assentamento e tá lá frustado porque normalmente é assim, as pessoas fazem a luta sindical e depois esgota. O sindicalismo é uma coisa meio inútil na vida das pessoas (risos). E nós sindicalistas reafirmamos essa inutilidade a medida que o sindicalismo não consegue ter proposta para além da relação de emprego. É uma relação de amor e ódio. Patrão é terrível, tem dia que tá apaixonado, tem dia que tá bravo, no outro dia se apaixona de novo, então é aquela coisa sem solução. Então fui lá visitar



o Zé Luiz. Bom, o pessoal falando que eu precisava ir lá dar um ânimo no companheiro e tal, enfim... sindicalista também precisa ser Pastor (risos)... é verdade. E cheguei no Zé Luiz e ele foi me mostrar o que estava fazendo. Eu vim de lá carregado de sementes e de mudas de plantas que o Zé Luiz, com a bagagem que ele adquiriu na vida dele, ele passou a recolher. Bom, o Zé Luiz virou nosso professor, também. O Zé Luiz trouxe um conjunto de sementes que foi trazidas das mais diferentes espécies, dentre elas, o mais forte é o milho, em que o trabalho do Zé Luiz com a FERAESP tem sido de formação de viveiro de semente de milho. Então nós estamos resgatando do bom e velho Luiz, uma semente crioula; a semente mais original do milho, estamos saindo do híbrido, saindo do modelo industrial. O milho é fundamental na base da produção, na base do alimento. E esse ano nós estamos construindo aqui, na nossa região, uma extensão do viveiro de sementes do Zé Luiz. O Zé Luiz esteve aqui há uns 20 dias atrás e deu um curso de milho para cerca de 150 trabalhadores agricultores da base da FERAESP, nos assentamentos. E agora ele vai vir e acompanhar a introdução do viveiro de sementes de milho. Mas é só a semente do milho? Não. Nós estamos recuperando espécies de cana-de-açúcar, mandioca, milho, o feijão-catador. Enfim, esse trabalho que envolve a possibilidade dos trabalhadores com acesso à terra serem produtores legítimos e aqui tem uma carga de formação muito pesada que nós desenvolvemos. Pesada em todos os sentidos, porque também é chata. É assim: há uma diferença em você se qualificar como produtor e se qualificar como consumidor. Você pensa que você é produtor. Na verdade você é consumidor. Vou te dar um exemplo disso. Boa parte dos produtores de soja no Brasil não são produtores. Porque? Porque ele pega o dinheiro da CARGIL ou de outras 3 internacionais adiantado. Então, o dinheiro vem, entra na terra, produz soja e a soja volta. Logo, esse fazendeiro pra mim não é produtor. Ele é um palhaço. Produtor é a CARGIL. Financiou, colocou a semente dela, colocou o adubo dela, ele é só correia de transmissão. Ele põe o nome dele de produtor e ele acha, fica orgulhoso e está devendo até as calças. Ele não é produtor, porque ele não tem semente, ele não tem fertilizante, ele não tem tecnologia, ele não tem máquina também, porque ela está financiado pelo banco e o banco tem ligação com a CARGIL. A FERAESP busca outra referência. Do mesmo jeito que seu Álvaro, que o Zé Luiz, nosso curso de corte e costura está sendo feito por uma trabalhadora. Nós não desprezamos o conhecimento, tanto que fizemos parceria com o Paulo Souza. Não temos problema em nos relacionar com as universidades, etc, etc. Mas há um conhecimento fantástico que ainda se mantém no meio dos trabalhadores e esse conhecimento ele não pode se perder. Ele tem que ser transferido. E ele precisa ser elemento de transformação para melhor, para o bem. E nós acreditamos que é a partir dele. Eu não posso comprar conhecimento no mercado. A primeira grande transformação tem que ocorrer dentro da gente, então, nossas relações internas têm que ser baseadas em outros valores, não nos valores de mercado, não nos valores que o capital coloca pra gente. Então, nós temos muita dificuldade de nos colocar em projetos de qualificação e requalificação profissional que não tenha esse viés. Daí a nossa participação nos programas é muito pequena, mas a gente apresenta. Nós apresentamos ao MEC, no começo do governo Lula, a FERAESP apresentou um projeto que tinha trinta e poucos sindicatos, fizemos uma proposta para o programa “Brasil Alfabetizado”. Fomos ao MEC, apresentamos o projeto que envolvia a participação direta dos sindicatos no processo de alfabetização de jovens e adultos. Bom, o governo não respondeu até hoje. Bom, é claro que ao apresentar o projeto, nós apresentamos a metodologia Paulo Freire, nós queríamos contribuir com o processo de alfabetização do programa dada a nossa experiência nos programas de alfabetização, que não é nossa. Nós pegamos dos pensadores, etc, de certas pessoas que teve militância nessa área. Trabalhamos com a categoria e entendemos naquele momento que era uma oportunidade. Não tivemos sucesso na demanda frente ao governo.

Então, volta e meia, eu diria, a gente se lança numa espécie de aventura, num espaço de atuação.

### CANA LIMPA

**P:** Eu não sei se você já ouviu falar do “cana limpa” desenvolvido pelo SENAR. Gostaríamos de saber um pouco sobre o que a FERAESP pensa sobre esses cursos.

**EN:** Olha, nós temos um problema grave no SENAR. Aliás, nós temos um problema em todo Sistema S. Primeiro porque é assim: o SENAR é controlado pela CNA, Confederação Nacional da Agricultura, em São Paulo, controlado pela FAESP, Federação da Agricultura, assim como, o SENAI é dos sistema FIESP e CNI. Bom, então tudo que vem deles não nos interessa a princípio. Claro que não podemos ter uma postura preconceituosa, mas tudo que vem deles olhamos com bastante reserva. Primeiro porque nós não ajudamos a construir. Eles não nos chamam para participar. Não abrem espaço para participar. É engraçado, porque assim o programa “cana limp”a com toda a sua atuação, é um iniciativa interessante, mas, de qualquer forma, não diminuiu os acidentes de trabalho, não diminuiu a exploração dos trabalhadores, não diminuiu a poluição do solo, o desgaste físico, a superexploração do trabalho. E engraçado porque é assim: dizem que é pro trabalhador, não é verdade? Mas ensina o trabalhador a ser obediente ao patrão. Disciplinado, assim, do ponto de vista do interesse do lucro. Que é o que acontece, em geral, com os cursos de qualificação profissional no Brasil. O trabalhador é ensinado a ser objeto. Então anda na contramão da cidadania. Só que eles fazem isso de uma maneira tão burra, porque quando eles fazem isso pro trabalhador eles fazem isso também com o gerente, com a gestão da empresa e fazem até com o empresário. Tem uma escala de subordinação assim: usineiro é subordinado ao banco, que é subordinado ao capital financeiro estrangeiro, aí vem o processo de subordinação de todos nós. É nesse sentido que esses programas não constroem nada. Não é verdade que o “cana limpa” é cana limpa. É a maior sujeira. Muito suja porque é falso o negócio, tá certo? Eu conheço pessoas no SENAR que são até bem intencionados, mas só, ponto. Nós até procuramos. O dinheiro que está lá é nosso, é seu. Quando você compra arroz, você está contribuindo pro SENAR. Você bebe leite, você está contribuindo pro SENAR. O povo paga e o povo não tem o retorno. Porque pro povo ter o retorno o SENAR deveria estar numa outra linha. O SENAR deveria estar explicando para a sociedade qual o papel dos transgênicos, qual o papel dos agrotóxicos, não é? Por que que a cana não consegue ser limpa? Porque ela agride o meio ambiente onde ela é produzida. O modelo de produção contraria qualquer noção de limpeza. O programa é sujo. É tão sujo que já começa na mentira. Falam que o álcool substitui a gasolina. Mentira, porque ele é aditivo, ele não substitui nada. Que o álcool vai ser a solução do petróleo, também é mentira, porque pra produzir álcool gasta-se petróleo. Então que que você tem aí? Uma aliança com o interesse da indústria automobilística que quer vender carro, não quer vender ônibus. Que quer vender caminhão e não quer vender trem, não é? É um apoio ao consumo exagerado. Com esses sistemas de crédito que quer usar essas coisas, o sonho de consumo que a Globo, a mídia, embute nas pessoas. Tudo no individual e, no coletivo, nada. Mas na hora de fazer um investimento, o dinheiro é coletivo. Porque o dinheiro do SENAR é dinheiro da sociedade. É a inversão total do valor. Aquilo que pertence à coletividade está sendo usado em benefício do indivíduo. Quando na verdade você deveria ter a seguinte escala: bom, o que é coletivo tem que estarsubordinado ao interesse coletivo. Então se eu tenho uma política pública a ser desenvolvida, essa política pública tem que favorecer o transporte coletivo, o transporte de cargas. Então, nós teríamos que ter um desestímulo à construção de estradas rodoviárias e um incentivo à construção de ferrovias,

nós teríamos que ter um incentivo na construção de hidrovias, não é? Nós teríamos nas áreas urbanas menos carros, mas, é assim, é tão individual que o que cresce é moto. Tá entendendo? Tão individual que tem que ser moto de um, mesmo. Porque até os carros que levam quatro, só levam um também. Então, eu acho assim, infelizmente, continua a ser um grande engodo pra sociedade todo Sistema S, o que inclui o SENAR. O SENAR, por ele ser o filho mais novo, ele herda toda essa estrutura e tenta levar pro campo, o que eu acho um erro, inclusive do ponto de vista, dos fazendeiros, mas isso não é problema meu. É que eles já perderam. Porque o que que acontece? Você teve a revolução industrial e essa revolução industrial dominou o campo, então, houve uma violência aqui porque o saber do campo foi chupado pela indústria, que usou o saber do campo pra criar sistemas produtivos industriais no campo. Então, esquece! Cada vez menos nós temos produtor. Seja pequeno ou grande. O que nós temos são pessoas formadas e atreladas ao sistema industrial de produção. Então, do meu ponto de vista, quem ensina mais para o campo é o SENAI do que o SENAR. Porque, assim, quando o SENAC forma profissionais do mercado atacadista ou varejista de hortifrutigranjeiro, por exemplo, para atuar no comércio, esse profissional do comércio manda no campo. Quer dizer, quem manda na produção dos alimentos *in natura* ou semi-industrializados, na verdade, é o mercado, mas o mercado, ele não é organizado. Ele é organizado a partir dos equipamentos que ele organiza. As grandes redes de supermercados dizem o como vai se produzir, porque se os caras não produzirem daquele jeito o Carrefour não compra e o Carrefour não revende. Então, não tem o produtor, tem o Carrefour, né? Então é aí que eu falo que o SENAC, que a estrutura de formação profissional do Carrefour é que faz a formação no campo. Se eu pego por exemplo o SENAI, que forma os profissionais do trator, aquele saber do campo foi perdido, foi usurpado, né? Então, o pessoal do setor patronal da agricultura chegou tarde. O que é determinante no setor, hoje, são os modelos industriais. Quer dizer, o que que determina a produção de frango no campo, é a Sadia, é a Perdigão. Quem determina a produção de cana é o usineiro, a indústria. Quem determina a produção de laranja é a CUTRALE. Até se você pega na carne bovina, quando você fala assim: Comunidade, Européia, você tem um modelo do comércio, da indústria, que controla o campo. O campo, ele foi derrotado mundialmente falando. Não é um problema só do Brasil. Ele foi derrotado, porque ele não se assumiu. E aí não tem classe. Os patrões dançaram nessa história.

**P:** E sobre a participação desta instituição na Mesa do Diálogo para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Agricultura?

**EN:** Ali, então, nós entendemos o seguinte: primeiro, não é verdadeira a teoria de que “o bolo precisa crescer pra depois ser repartido”. O Delfim Neto já tinha falado isso no regime militar. Porque enquanto o bolo cresce, acontece o que aconteceu agora, por exemplo, a indústria automobilística nunca vendeu tanto, mas ela está desempregando. Os bancos nunca ganharam tanto dinheiro, mas agora querem mais dinheiro. E o que que eu quero dizer com isso? É o seguinte: os usineiros agora tão tudo precisando de dinheiro, uma coisa de louco. Até outro dia, eles faziam uma usina por dia e agora está tendo uma conferência em São Paulo, em que eu deveria estar lá. Não fui porque eu não quero ver tanto usineiro chorando, eu não tenho lenço pra enxugar as lágrimas deles. Eu acho isso uma vergonha. Eu acho que eles deveriam ter vergonha de apresentar essa choradeira e acho que o governo deveria ter vergonha. Embora as coisas no Brasil melhoraram, mas está longe de admitir e de aceitar, porque você teria que ter um processo de democratização da renda, por exemplo, a renda gerada pela cana, pelo programa nacional do álcool. Porque quando o Lula vai vender álcool lá fora, ele é o meu

presidente, ele é o seu presidente, porque ele tem que ser presidente só do usineiro? Porque o negócio é o seguinte, tudo bem que se precisa melhorar a qualidade dos combustíveis que movem os carros. Eu acho isso uma necessidade, tudo bem. Precisa jogar menos poluente no ar, eu acho tudo isso louvável, mas e a dengue? E o tamanho do salário mínimo? Então é isso. Será que o presidente da república não teria outras preocupações? E as favelas? E a violência? Onde que o Estado brasileiro, assim como outros estados, deveriam estar jogando suas forças? Nós participamos daquela Mesa de Diálogo com otimismo, até porque é assim, é a primeira vez que o cortador de cana chega do lado do gabinete presidencial. Isso, por si só, eu já acho fantástico e a FERAESP estar lá é motivo de orgulho. O que nós estamos colocando lá, naquela mesa, é o seguinte: é que não tem solução mágica, não é? Há uma demanda que repercute na Mesa de Diálogo que é esse tema que vocês pregam aqui: o que que vamos fazer com os desempregados? O setor canavieiro está desempregando e tem um negócio maluco que é: se ele entra em crise, ele desemprega; se ele cresce, ele desemprega. Do meu ponto de vista não tem solução, porque o desemprego e a exclusão social é o resultado da crise e é o resultado do sucesso. Como não tem estagnação, ninguém fica parado, ou cresce ou caí, não tem jeito. De qualquer forma, ou vai ou vem, senão não é desenvolvimento econômico. Bom, então nós não temos saída. É claro que, qual é a nossa expectativa em participar? Criar ambientes de formulação de políticas públicas e políticas até empresariais que efetivamente melhore as condições de vida dos trabalhadores. E pra melhorar a condição de vida dos trabalhadores, ele não precisa ser necessariamente cortador de cana, por isso, por exemplo, o que nós estamos dizendo lá é que, para melhorar a condição do migrante, temos que ter políticas públicas no Vale do Jequitinhonha. Pra melhorar a condição do migrante, cortador de cana, tem que investir no Maranhão. O governo não gosta de ouvir essas coisas. Resolver o problema do migrante, cortador de cana, que vem pra São Paulo, tem que resolver lá em Diamantina, porque se ele vem pra São Paulo, ele não vem por livre escolha, não vem porque ele quer, ele vem porque ele enxerga, há mil quilômetros, a única oportunidade de ganhar um mísero dinheiro pra mandar comida pra casa. E isso gera uma deformação social. São 40, 60, 70 mil homens que se deslocam para São Paulo. Se você colocar o Mato Grosso e colocar todos os outros deslocamentos você tem uma população superior a 200 mil trabalhadores só no meio rural, migrando pra todos os lados desse país, em que se você tivesse políticas públicas de desenvolvimento local, de geração de oportunidade, de descentralização do crescimento econômico... ah! Isso encarece a mão-de-obra! Sabia? Isso inflaciona o mercado! Então a FERAESP não pretende apresentar, se ela apresentar, porque é uma coisa que está em debate, algum programa de qualificação profissional na questão do desemprego para os cortadores de cana, provavelmente, apresentaremos nas duas pontas: requalificação profissional que compreenda a inserção de trabalhadores e trabalhadoras nesta cadeia produtiva; e requalificação e inserção dos excluídos em outras áreas. Porque qualificar braços qualificados pra usineiros, eu sei que a FERAESP não vai fazer, porque isso seria a negação da história da FERAESP. Então, a expectativa nossa em relação àquela mesa é positiva, na medida em que coloca os cortadores de cana, mesmo que seja com muito pouca influência, mas é possível colocar a nossa voz. Nos estamos a partir daquela mesa, dialogar com a Petrobras, com o BNDES, com a Caixa Econômica Federal, com o Banco do Brasil. Porque é assim. Essas instituições estatais na verdade são as grandes transmissoras de recursos públicos para o setor privado, porque se você pegar o volume de dinheiro que o Banco do Brasil repassa e repassou para os usineiros, sem contrapartida social, o volume de dinheiro do BNDES, só na carteira do FGTS, qual é a dívida dos usineiros? Isso eles não revelam. Por exemplo, se nós pegarmos a previdência, qual é a dívida dos usineiros junto ao INSS? Eles não revelam. E não é pouco, não. Então, precisamos encontrar uma saída pra isso. Porque é

assim. Você tem um passivo público social enorme que precisa ser cobrado. Eu estou contando coisa que foi assinada, coisa que tem documento, uma contabilidade, eu não estou contando o que não está. Porque se eu contar o que não está, a regrinha da sustentabilidade econômica foi pro espaço, porque o social e o ambiental não existe. Mas só do ponto de vista do econômico, se você pegar o que não está contabilizado, e pegarmos só o contabilizado, eu tenho certeza do seguinte: aqui na nossa cidade, aqui no nosso quintal, se cobramos o INSS, os impostos e o FGTS de algumas usinas ela não tem dinheiro pra pagar, ela fecha em dois dias. Então, é dinheiro público. Aí não tem dinheiro pra aposentado, aí pro hospital falta verba. Pra onde está indo o dinheiro público? Aí vem me dizer que o salário mínimo é alto, não tem dinheiro pra pagar. Bom, muito interessante. O governo injetou, pra dar um exemplo disso, o governo injetou recentemente, eu vi até os números ontem, segundo os analistas da Globo, até agora 150 bilhões de dólares no mercado financeiro. Juntando liberação de compulsória, de empréstimo pra indústria automobilística, o governo brasileiro, em 45 dias, 150 bilhões de dólares pra combater a crise e aí não tem dinheiro pra aumentar o salário do professor, falta papel-higiênico nas escolas, não sabe por que os alunos quebram as escolas. [...] Então, essas distorções precisam acabar. Não é que o país não deva aproveitar as oportunidades de produção de energia e tal. Eu não estou nesse ponto. Então nós não participamos daquela mesa de diálogo com hipocrisia, achando que ali nós vamos resolver o problema dos trabalhadores. Nós fomos porque ali é um espaço importante de representação, de disputa, pra ampliar o debate. Vou dar um exemplo pra você. Na última reunião eu virei pro Ministro e disse o seguinte: “ministro, eu quero saber quando que a Petrobras vem pra mesa?”. Porque a Petrobras é a maior empregadora do setor. “Não, não é”, ele respondeu. Claro que é, quem é que compra mais álcool? Então quero discutir com a Petrobras. Porque se a Petrobras exigir contrapartida social nos seus contratos nós resolvemos um problemão. Não é? Se a Petrobras compra álcool do trabalho escravo, como que o governo vai combater o trabalho escravo? Ele incentiva. Porque nós precisamos discutir políticas públicas que gere justiça social, precisamos discutir políticas públicas que resgate a grande dívida social que o país tem, né? Quer dizer, não está se discutindo se a Petrobras compra álcool do usineiro que deve pra previdência, se o usineiro não pagou, não é verdade? E é isso que vai fazer do álcool uma *commoditie* internacional. Para com isso. Então quer dizer que todos nós vamos trabalhar pro usineiro vender álcool pro Japão? É essa a idéia? O Brasil é esse? É terrível, porque a agenda governamental deveria estar preocupada, não que isso não deveria estar na agenda, eu confesso que tem que estar. É um setor importante da economia. Mas não com tanta força, não é? Você tem outros temas. Escute a Amazônia, por exemplo, do ponto de vista da preservação, da importância da floresta, da importância das comunidades que ali vivem, mas só discutem a Amazônia do ponto de vista econômico, do grande capital, se vai arrancar 20% da mata ou se vai arrancar 50%. E vai arrancar pra quem, lá? Pro gado que está sendo expulso do centro-oeste e a cana está entrando. A cana não entra na Amazônia, não entra de maneira direta. O gado e a soja, vai empurrando. Mas será que pra produzir açúcar e álcool nós precisamos de tanta cana? Será que pra produzir açúcar e álcool nós precisamos de tantas usinas? Será que esse é um modelo produtivo eficiente? Ninguém discute eficiência. Quer dizer, olha, tem quem diga e é um número que eu não vou vender pra vocês como verdadeiro, porque eu só ouvi falar, que para uma tonelada de cana que entra na usina se gasta 1,8 metro cúbico de água pra lavar a cana, o que significa que eu tenho pra uma tonelada de cana 1800 litros de água. Aí o cara vem dizer pra mim que eu tenho que economizar na descarga do banheiro. Porque senão vai acabar a água. Então, presta a atenção, eu gasto essa quantidade de água pra lavar uma tonelada de cana que vai me dar na melhor das hipóteses, 200 litros de álcool. Então presta atenção, eu gasto 1800 litros de água só numa fase da etapa pra ter 200

litros de álcool. Bom, então eu posso afirmar que eu gasto 10 vezes mais a quantidade de água pra obter um litro de álcool e o preço? Quem está pagando? Essa água é de quem? Aí, o que é mais grave, a população não sabe, mas a pergunta é: da onde está vindo a água? Do aquífero Guarani. Quantas usinas fizeram poços profundos e tão pegando água mineral de primeira qualidade. A água do aquífero Guarani, que a natureza levou milhões de anos pra filtrar e acumular em baixo do solo. Falta água pra população. E esses poços profundos foram feitos com o dinheiro do BNDES.

**P:** Se um trabalhador abre um poço é multado!

**EN:** Não, vai preso! É crime ambiental. A usina, à vontade. Por exemplo, eles dizem que fazem co-geração de energia elétrica e todo mundo acha bonito. Na verdade, o que que é isso? Uma termoeletrica, em que eles pegam o bagaço da cana que joga na caldeira. Pega a água do aquífero Guarani, que faz o vapor que movimenta a turbina. Que bonito, né? Tá certo? Mas falta água para a população. Então, eles estão pegando a água mineral, transformando em vapor pra movimentar a turbina pra gerar energia elétrica. Me poupe. E me dizem que isso é eficiência econômica. É lógico que é eficiência econômica. É extrativismo puro. Entendeu? Predador. O governo deveria estar preocupado, olhando pra essas coisas. [...] O papel do Estado, eu penso, que o papel do Estado deveria atuar no equilíbrio das relações. Porque quando as relações se desequilibram contra a especulação financeira, o capitalismo, o Estado atua com muita eficiência. Quando ela se desequilibra contra os interesses do popular e do social, aí o Estado não existe. Se isenta. “Eu não tenho nada a ver com isso, é problema do mercado”. Quando o banco fali, dá dinheiro do povo. Agora, quando o povo fali, o problema é do mercado. Aí quem não tem competência não se estabelece. Então, um pouco é assim. Claro que a FERAESP busca um nivelamento, um acordo nacional, pretende a possibilidade de fazer a discussão comparativa de como está a situação dos trabalhadores no corte de cana no Alagoas, Pernambuco, Goiás, São Paulo, Mato Grosso. O fato da FERAESP estar nessa mesa nacional discutindo com outras federações, com a CONTAG, enfim, então, é uma ambiente muito propício para nós trabalhadores avançar nos nossos processos organizativos, mas a gente não tem a ilusão que vamos tirar de lá grandes soluções.

**P:** Até porque tem uma lei que pretende acabar com o corte até 2015.

**EN:** É, mas eu diria o seguinte: essas coisas são muito complicadas. Porque tem coisas que não acabam com lei, não é com a lei escrita que acaba. Não são convênios entre seres humanos. Eu acho isso muito mais uma jogada de marketing pra ganhar dinheiro do BNDES e comprar máquina com o dinheiro do povo e ter respaldo internacional, do que qualquer benefício social-ambiental. Na verdade aí os nossos interesses, da população, etc, está sendo objeto de manipulação. Veja bem. Tem usina que está mecanizando desde 1986 e até hoje não mecanizou tudo. Até porque mecanizar tudo gera uma condição de altíssimo custo. Então, eu não acredito que nós vamos atingir 100% de mecanização. Isso não é verdadeiro.

### QUESTÕES REFERENTES À ATUALIDADE DOS SINDICATOS

**P:** E qual será a importância dos sindicatos dentro desse processo?

**EN:** Olha, o que nós pensamos é o seguinte: é que o sindicato, quando eles são levados a uma negociação mais política, no sentido da palavra política, não eleitoral, etc, porque os sindicatos estão muito acostumados com negociação econômica e eles não avançam na negociação das políticas. Uma mesa dessa tem que se quebrar os paradigmas, não é? Pra você ter uma composição política que vá nortear as atividades econômicas e sociais nesse setor. O

grande ganho que pode ter é que os sindicatos precisam se renovar. Até pra própria FERAESP a gente tem feito debates constantes, da nossa participação na Mesa de Diálogo. E a nossa compreensão é de que nós precisamos nos qualificar cada vez mais para participar desses processos, tá? Aqui tem uma fragilidade no movimento sindical que ela fica exposta a todo esses processos. Que que o BNDES tem haver com o cortador de cana? Que que a Petrobras tem haver com o cortador de cana? O que que o Banco do Brasil tem haver com o cortador de cana? E, assim, você vai começando a se questionar porque as coisas estão acontecendo ali no corte da cana, no pagamento por produção, no pagamento por tonelada, na exigência de 12, de 15 toneladas, não é? Você tem coisas ali que estão acontecendo, que na verdade é efeito. A causa você tem outra fonte. É obvio que quando você está diante de um efeito quer combatê-lo. É um equívoco. Porque esse erro pode levar à morte. É preciso prevenir. É essa a questão; como que o sindicalismo se qualifica para esse ambiente de enfrentamento político onde você consiga atuações preventivas? [...] Na verdade o sindicalismo já se coloca na posição de excluído. Ele não avança para dentro de processos que são determinantes na relação de trabalho. E ele fica aqui. “Ah, tá mecanizando, tá informatizando, então, vou fazer a qualificação profissional”. Mas ele não discute a causa. Ele não estabelece, não disputa regulamentações, marcos regulatórios que possam melhorar a participação dos trabalhadores. Então eu diria que é que nem “cachorro correndo atrás do rabo”. O trabalhador produz pouco porque fica só na gritaria, no muro das lamentações e não vai a fundo no processo. Nós, nessa mesa, estamos diante dessa possibilidade. Mas é difícil, não é uma coisa tranqüila. Eu acho que é um espaço que deve ser consolidado. Eu defendo que seja um espaço permanente, não é? Que tenha um processo de avaliação, de evolução. Porque, se o setor patronal ele se reúne periodicamente com o presidente da república, não é? A gente não consegue nem ver o ministro do trabalho. No movimento sindical falam que é uma república sindicalista que o Brasil está passando. Só se for sindicalismo dos patrões. Sindicalistas verdadeiramente dos trabalhadores não é verdadeiro. Porque o que você vê é um processo de cooptação das principais lideranças dos trabalhadores pelo Estado. Então, eu acho isso uma tremenda bobagem. Eu acho que o sindicalista, ele tem que ter raiz. Tem que honrar suas origens. Então é um pouco isso. O grande desafio nosso, não em função somente da mesa, mas é de encontrar, descobrir a origem dos principais problemas. E aí ver se a gente consegue resolver na origem. Ou apresentar propostas, desmistificar setores que é tabu.

### QUESTÕES FINAIS

**P:** Nos últimos 10 anos, não nos últimos 20 anos, o movimento grevista na região caiu bastante e você observa um aumento dos trabalhadores recorrendo à justiça do trabalho como forma de garantia de direitos e não mais recorrendo aos sindicatos. Como você avalia o movimento da greve na região?

**EN:** Olha o que tem ocorrido é uma mudança na forma de fazer greve, né? Por exemplo, no interior da FERAESP, nos últimos 3 anos, cresceu os movimentos grevistas. Esse ano por exemplo, recentemente, a FERAESP coordenou uma greve muito grande, muito eficiente na região de Ribeirão, paralisou as principais usinas na região de Ribeirão Preto.

**P:** Foi a de Sertãozinho?

**EN:** É. Até hoje a FERAESP está lá com muita eficiência no nível da base, podendo fazer o pós-greve. Só que é assim. As principais greves têm ocorrido nos locais de trabalho e não mais nas cidades, o que dá menos mídia. Porque são greves dentro das empresas, dentro dos locais de trabalho. Houve uma mudança, porque, antes, as greves ocorriam nas cidades, então

você tinha uma presença da mídia. A greve no local de trabalho ela é menos visível, mas nós ainda vivemos muitas greves. O que você tem é um descolamento. Os trabalhadores diminuíram muito a participação. Os trabalhadores vêm perdendo crença nos sindicatos. E isso é verdadeiro. É por isso que falei que os sindicalistas precisam deixar de ser inútil. A utilidade do sindicato, o sindicato tem perdido identidade, porque nós temos um monte de coisa com o nome de sindicato, e sindicato não é. Só tem nome. Se você apura, é vazio. Na essência não é sindicato. Na essência é um escritório de advogados ou é barbeiro, ou é, na essência, é qualquer outra coisa, menos sindicato. Como a FERAESP é nova, o processo de constituição é novo, ela tem sido mais eficiente em procurar fomentar sindicatos de verdade. É por isso que a FERAESP tem crescido, mas não significa que esse sentimento, essa concepção sindical seja 100% dentro da FERAESP. Ela também tem problemas, ela enfrenta esse tipo de dificuldade. Mas, no geral, os sindicatos perderam a eficiência, estão perdendo eficiência, tá? E isso faz com que os trabalhadores se afastem do sindicato. O que é medo, tanto do lado dos trabalhadores como do lado dos próprios sindicalistas. Os sindicalistas vão montar máquinas assistenciais, máquinas políticas que não são sindicatos. Isso tem provocado um distanciamento, um descolamento dos trabalhadores, da categoria com as suas organizações. O poder do Estado, seja via ministério do trabalho, ministério público ou poder judiciário, jamais vai resolver ou conseguir promover justiça, ou seja, ou os trabalhadores, enquanto categoria, vão ter força para equilibrar, fazer frente na relação direta ou é ilusão imaginar que o juiz vai resolver. Porque a natureza do poder de Estado também é individualizada. Quem reclama na justiça do trabalho? É o trabalhador individual. Esse é um problema. [...] Muitas vezes a FERAESP fica de patinho feito perante o judiciário, perante os órgãos estatais por causa disso, porque nós afirmamos que trabalhadores são sujeito e não objeto. Só que para o trabalhador ser sujeito, ele precisa ser classe. Individualmente ele não é sujeito. Até porque os setores opostos estão organizados. O estado está organizado, se a massa trabalhadora não tiver organizada, se ela não tiver consciência, cidadania, ela não chega a condição de sujeito. Ela não promove equilíbrio, ela não promove transformação. O esforço, não me pergunte se vai estar certo ou não, o que me mantém no sindicalismo é isso: é a possibilidade de construir essa capacidade do trabalhador ser sujeito. O que nós trabalhamos é o seguinte: sindicalismo, o que que é? Sindicalismo é trabalhadores organizados em luta. Se isso não ocorre não é movimento sindical. Vai montar um escritório, qualquer coisa, uma agência, uma ong, se você não tem trabalhador organizado e em luta, o que significa uma manifestação coletiva. Então, pra você, mesmo dentro de uma estrutura física de um sindicato, pra você conseguir ser sindicato é uma batalha longa. A organização precisa estar fluindo no coração e nas mentes das pessoas, precisa estar construindo ligações, não é? As pessoas precisam encontrar razões para se juntar, pra se unir, pra fazer junto aquilo que sozinho ninguém consegue. Então é por isso que, seja no sindicalismo ou no campo, da FERAESP, ou em outros campos, se ele não mudar, ele perde função na sociedade. Talvez seja por isso que os sindicalistas preferam ser vereador, prefeito, vice-prefeito, procurar o caminho da política partidária séria do que investir no seu próprio espaço. O fato é que o sindicalismo tem um papel fantástico e extremamente importante na base das organizações sociais e nós vivenciamos isso no Brasil. O Brasil tem pouca tradição sindical. Essa coisa que chamamos de sindicato, tem gente montando escola de computação e chamando de sindicato, tem gente que tem quatro barbeiro no sindicato. Então, não é sindicato, é barbearia. Sindicato é outra coisa. Sindicato movimento, mas, discutindo, organizando, encontrando demandas, não é? Sendo problema, virando problema, enfim, descobrindo, sindicato é um negócio louco. Todo sindicato conformado não é sindicato. Não tem jeito, realmente, não tem jeito.



**P:** Quais são os pontos principais de negociação no que se refere aos trabalhadores assalariados dos complexos agroindustriais?

**EN:** A primeira grande reivindicação é respeito. Respeito, porque é assim. A pessoa é desrespeitada na alma. Então, a essência é o respeito, em todos os sentidos. O segundo ponto é os direitos humanos, básicos, que já deveriam estar resolvidas no século passado. Então, falta respeito, dignidade humana. Primeiro o que nós chamamos de direitos materiais; o direito à vida, à saúde, o direito a um salário digno, o direito a uma jornada de trabalho. Mas, do jeito que está no Diário Oficial garantido, na prática, está tudo distante. Então há uma luta, seja no plano individual, seja no plano coletivo, para que os direitos individuais dos trabalhadores, os direitos coletivos sejam assegurados [...]. A resistência eu diria que é a principal luta hoje. Não é nem pra garantir novos direitos, é pra garantir os que existem. Porque se os direitos garantidos por lei, pelos acordos coletivos, fossem efetivamente cumpridos, a qualidade de vida era outra. É como se o setor patronal e o Estado aceitassem ceder no papel, porque na prática não é cumprido. É só ver o estatuto da criança e do adolescente, o código florestal, há um conjunto de normas de cunho social que se convencionou na lei, na publicidade. Na prática é diferente. Na prática, os trabalhadores do campo não têm jornada de trabalho de 8 horas. É muito superior a isso, muito superior a jornada semanal de 44. Na prática são vítimas de doenças ocupacionais, de acidentes do trabalho, da superexploração do trabalho, o trabalho é exaustivo. Tá todo mundo preocupado se o sol de todo dia dá câncer de pele, mas eu tenho certeza que se o trabalhador reivindicar protetor solar vão achar que é um luxo. O trabalhador hoje está reivindicando água fresca, que é disso que estamos falando, estamos falando de água, de pausa no local de trabalho, de proteção contra a radiação solar, de proteção frente aos agrotóxicos. O que estamos falando não é nada extraordinário. Então, não há no meio dos trabalhadores, uma reivindicação extraordinária, vamos assim dizer, o que há é aquilo que a sociedade concebe como aceitável e lógico. Então a violência contra os trabalhadores é muito forte em todos os sentidos. Por isso que eu disse que a principal reivindicação é respeito.

**P:** Quanto à introdução de novas tecnologias e ao aumento do desemprego: o sindicato negocia com o patronato? Tem algum caso recente para citar?

**EN:** Com a tecnologia você vê que a exploração aumenta. Na verdade o que você tem aí é um processo de maior concentração de renda e quando mais concentra renda, mais aumenta a pobreza. Na verdade é o seguinte: a porta que a FERAESP está fazendo e a porta que ela vem abrindo para a maioria – que acho que eu já disse isso, só que com outras palavras – é agir diretamente nas pessoas para que se encontre alternativas, acreditando na capacidade criativa dos trabalhadores. Você tem a oportunidade que a FERAESP está fazendo na luta pela terra, a reforma agrária. Nós acreditamos que o Brasil tem uma grande capacidade de fazer a reforma agrária. A forma de democratizar os resultados dos avanços tecnológicos que nos pertence, pois o conhecimento é nosso. Então, isso pode ser melhor distribuído com reforma agrária e com políticas públicas diretamente voltadas aos trabalhadores. Políticas públicas que não seja correia de transmissão para alimentar esse sistema. Esse sistema alimenta-se por si, ele já foi alimentado por 500 anos por políticas públicas. Na verdade, se ele é eficiente, ele não precisa de política pública. Então, a primeira questão que nós defendemos é que as políticas públicas estejam voltadas diretamente aos trabalhadores e não usem o trabalhador como correia de transmissão. O outro ponto é o seguinte: na prática, onde os trabalhadores do campo estão, nós entendemos que há oportunidades. O que a gente imagina é que dentre outras coisas a globalização pode nos ajudar. Hoje a FERAESP tem comunicação com vários países,

organizações sociais e sindicais em outros países. Então, na articulação internacional nós enxergamos a oportunidade de alternativa para os nossos companheiros e companheiras que estão sendo excluídos. Não há uma proposta e um projeto de enfrentamento da máquina ou do computador, etc, etc. Nós precisamos encontrar nosso espaço e, felizmente, o Brasil ainda tem muito espaço a ser disputado seja em espaço territorial, seja em melhor organização dos espaços, seja espaço no campo das oportunidades. Nós estamos no começo, portanto, não é o fim. Nós admitimos a possibilidade do fim do cortador de cana. O que nós vemos é que haverá o fim de um modelo. Eu não quero que o trabalhador ou o meu filho corte cana. O que eu não quero pra mim, eu não quero pra ele. Eu quero que meu filho frequente a escola, tenha uma outra perspectiva. Eu trabalho com eles e trabalho para eles e é isso que eu quero para todos os meus irmãos e irmãs trabalhadoras. Eu não defendo o corte de cana, eu não defendo o corte de cana pra usineiro como uma forma de trabalho, mas eu sou cortador de cana, eu sei que pra cortar cana, pra acessar os benefícios que a cana pode ter, porque a cana é maravilhosa, assim como outros vegetais, pra acessar esses benefícios nós não precisamos passar por essa perversidade que a gente vê nesse campo. Então, nossa tarefa é encontrar caminhos. Não há um caminho único, não há uma única saída. Então, não estamos trabalhando. Vou te dar outro exemplo. Em Barrinha, que é uma cidade só de cortador de cana e o desemprego lá é grande, a FERAESP está inaugurando e negociando com a prefeitura uma parceria com os trabalhadores e trabalhadoras para criar um núcleo de aprendizado e de transformação que envolve vários setores do artesanato, do corte e costura, da culinária, do bordado, do tricô, enfim, um conjunto de coisas que envolvem... Tem um grupo que está se aproximando que envolve reciclagem de lixo. Então é isso que estou falando. Existem grandes espaços a serem disputados. Nós não enxergamos no usineiro a nossa saída se é isso que você quer saber. Usineiro não é a saída. A nossa saída está entre nós, está na nossa relação com nosso vizinho, com o nosso igual. Se o modelo está promovendo a exclusão social, eu não quero ele, eu quero sair dele. Conviver com ele é uma necessidade, eu não tenho escolha. Nós estamos aqui, não adianta negar a realidade. Mas podemos transformar a realidade. Se nós temos espaço para transformar, nós ocupamos esse espaço. E assim por diante. Por isso que, voltando ao tema da requalificação: qualificação profissional para que? E qualificação profissional para quem? E por quê? Essas questões precisam sempre estar na nossa agenda. Se o SENAR quiser qualificar tratoristas para usineiro, problema é dele. Mecânico pra usineiro, o problema é dele. Nós preferimos qualificar tratoristas para os próprios trabalhadores.